

APRESENTAÇÃO À TRADUÇÃO¹ DO CAPÍTULO 5
(“Rational Psychology and the Pseudorational idea of
the soul”), do livro de Michelle Grier: Kant’s doctrine of
transcendental illusion. New York: Cambridge University
Press, 2001, pp. 143- 171.

Por Patrícia Fernandes da Cruz

UFSCAR

Ao leitor é apresentada a tradução do quinto capítulo do livro da comentadora kantiana Michelle Grier. Em seu livro, *Kant’s doctrine of transcendental illusion*², Grier se propõe a realizar um estudo exaustivo sobre o papel da doutrina da ilusão transcendental ao longo de toda a *Crítica da razão pura*. Essa ilusão tem sua sede na razão humana e se revela quando a razão pretende conhecer objetos que transcendem os limites da experiência possível: alma, mundo e Deus.

Vejamos, então, um excerto em que Kant expõe o problema que deverá ser tratado pela Dialética Transcendental como um todo:

[...] Pois aqui temos de lidar com uma *ilusão natural* e inevitável, que se baseiam princípios subjetivos e os faz passar por objetivos [...] Há uma dialética natural e inevitável da razão pura, portanto, que não é uma dialética em que um ignorante, por falta de conhecimentos, pudesse enredar-se por si mesmo, ou que algum sofista tenha criado artificialmente para confundir pessoas racionais, mas sim uma dialética que se prende irresistivelmente à razão humana e que, mesmo depois de termos desvendado seu truque [*Blendwerk*], não cessará de enganá-la com falsas promessas, lançando-a continuamente em confusões [*Verirrungen*]³ momentâneas que têm de ser a cada vez suprimidas. (*KrV* ⁴,

1 Gostaríamos de agradecer ao amigo Emanuel Lanzini Stobbe (doutorando em filosofia pela Martin-Luther-Universität Halle-Wittenberg - MLU - e pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp) que, gentilmente, fez a revisão desta tradução.

2 O livro de Grier é dividido em quatro partes, sendo três delas dedicadas à análise da ilusão transcendental e suas implicações na *Crítica da razão pura*. Na primeira parte do livro, contudo, a comentadora trabalha com o conceito de ilusão transcendental nos escritos pré-críticos de Kant como, por exemplo, nos *Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica*. Cf. Grier, 2001, pp. 32-47.

3 Utilizamos a tradução brasileira da *Crítica* (2012), tanto nessa apresentação quanto na tradução do capítulo de Grier. Porém, é importante destacar aqui que a tradução portuguesa (2010) parece trazer uma parte desse excerto mais adequada ao que o texto original expressa:

Há, pois, uma dialética da razão pura natural e inevitável; não me refiro à dialética em que um principiante se enreda por falta de conhecimentos, ou àquela que qualquer sofista engenhosamente imaginou para confundir gente sensata, mas à que está inseparavelmente ligada à razão humana e que, descoberta embora a ilusão [*Blendwerk*], não deixará de lhe apresentar miragens e lançá-la incessantemente em erros [*Verirrungen*] momentâneos, que terão de ser constantemente eliminados. (*KrV*, A298/B355)

4 Esta apresentação faz uso das citações da seguinte maneira: as obras kantianas são citadas conforme a nomenclatura padrão, estabelecida pela *Kant-Forschungsstelle der Johannes Gutenberg-Universität Mainz*. Nesse sistema, as citações da *Crítica da razão pura* aparecem como *KrV*.

A298/B355, grifos do autor)

Nesse momento, Kant estabelece o propósito da Dialética transcendental da razão pura: desvendar a ilusão transcendental. Esta não pode ser separada da razão e, por isso, a ilusão transcendental é caracterizada como natural e inevitável à atividade racional. A Dialética transcendental, na passagem acima, também é caracterizada da mesma maneira. Sendo assim, observamos que os dois termos – ilusão e dialética - estão interligados: ambos são descritos como “natural e inevitável”. Temos uma “ilusão natural e inevitável” e “uma dialética natural e inevitável”.

Desde o seu início, a Dialética transcendental é apresentada por Kant como uma “lógica da ilusão” (*KrV*, A293/B349). Não se trata, portanto, de uma dialética na qual alguém se envolve por lhe faltar conhecimentos, ou mesmo, um sofista que a cria com o intuito de confundir outras pessoas, “mas sim uma dialética que se prende irresistivelmente à razão humana”. Logo, a Dialética transcendental da razão pura tem como seu objeto tratar da ilusão transcendental, cuja origem é a própria razão humana. Porém, essa ilusão é distinguida por Kant dos erros metafísicos, o que causa dificuldade na interpretação da Dialética transcendental pelos comentaristas, incluindo aqui Grier. Observamos que Kant busca traçar tal distinção ao tratar das inferências dialéticas da razão pura:

[...] Em relação ao seu resultado, portanto, tais inferências devem ser denominadas sofisticas, e não silogismos, por mais que pudessem perfeitamente carregar este último nome devido à sua origem, já que não são inventadas nem surgem por acaso, mas se originam da natureza da razão. Não são sofisticações dos seres humanos, mas da própria razão pura, e nem o mais sábio dentre todos os homens consegue delas livrar-se. Ele até conseguiria, talvez, evitar o erro depois de muitos esforços, mas jamais se livraria em definitivo da ilusão que incessantemente o tenta e ridiculariza. (*KrV*, A339/ B397)

Ao mesmo tempo em que são sofismas quanto à forma, os erros da metafísica são inferências fundadas na própria razão. Como erros, podem ser evitados, mas não a ilusão transcendental, que está na base deles: estão fundados na “própria razão pura [...] nem o mais sábio dentre todos os homens consegue delas livrar-se. Ele até conseguiria, talvez, evitar o erro depois de muitos esforços, mas jamais se livraria em definitivo da ilusão (Schein), que incessantemente o tenta e ridiculariza”.

De um lado, portanto, o erro metafísico pode ser evitado; por outro, a ilusão na qual se assenta é inevitável e incessante. Poderíamos, então, questionar: haveria alguma diferença entre o erro e a ilusão transcendental? Se a ilusão transcendental é natural à razão, os erros que ela suscita poderiam ser evitados? Essas questões podem ser reduzidas à pergunta central, que permeia o livro de Grier: com base nos textos kantianos, é possível fazer a distinção entre a ilusão transcendental e os erros ou falácias engendrados por ela? Grier destaca a importância dessa distinção da seguinte maneira:

[...] é crucial manter em mente a distinção entre ilusões e falácias na Dialética. Mais uma vez, a posição de Kant é baseada na “inevitável ilusão” que os metafísicos recaem quanto aos raciocínios falaciosos ou, ao que Kant relaciona com esses, má aplicação transcendental dos conceitos. As falácias na Dialética, no entanto, não são inevitáveis, mas fundadas (além disso) no realismo metafísico transcendental, que é o erro desse realismo em distinguir entre fenômeno e as coisas em si. Consequentemente, ao explicar essas falácias, espero mostrar como a doutrina da ilusão de Kant fornece a base, além de serem distintas, tanto do realismo transcendental quanto dos juízos errôneos e das conclusões da metafísica dogmática. (Grier, 2001, p. 143)

A despeito das inúmeras publicações acerca da Dialética transcendental, o tema da ilusão transcendental ainda permanece obscuro. Como diz a própria comentadora:

Até o presente momento, não existe nenhum estudo detalhado e contínuo que se propusesse a examinar o papel da doutrina da ilusão transcendental, na variedade de argumentos expostos por Kant ao longo da Dialética Transcendental – isso seria relevante não só para explicar a natureza das objeções de Kant em relação à metafísica tradicional, mas também a correlação entre essas objeções e uma visão mais completa da doutrina da ilusão. (Grier, 2001, pp. 1-2)

Assim, de maneira geral, a Dialética Transcendental levanta não apenas objeções pontuais contra a metafísica tradicional, mas também apresenta como seus erros estão fundados em raciocínios da própria razão humana. Os Paralogismos, primeiro capítulo da Dialética transcendental e o mote do quinto capítulo do livro de Grier - tradução que é apresentada a seguir -, tratam de conclusões falaciosas acerca da alma, às quais a metafísica tradicional é conduzida devido à ilusão transcendental. Tais conclusões dizem respeito à constituição e à natureza do ser pensante (ou da alma) e condizem com os quatro paralogismos apresentados por Kant: paralogismo da substancialidade, paralogismo da simplicidade, paralogismo da personalidade e paralogismo da idealidade (da relação externa).

Cada um desses paralogismos expressa o exame crítico kantiano sobre a possibilidade ou não de a razão humana, e, com esta, também a possibilidade de a metafísica tradicional, conhecer o sujeito pensante como objeto (alma). No paralogismo da substancialidade, por exemplo, Kant se contrapõe à definição do sujeito pensante como substância. Nesse paralogismo, Kant destaca que a substância é um conceito puro do entendimento ou categoria, ou seja, a substância é uma regra *a priori* e não pode ser usada para conhecer objetos que ultrapassam toda a experiência possível, como a alma.

Se for possível distinguir o erro da ilusão, como Grier sustenta, como seria possível caracterizá-los?

A natureza do erro que tem sua origem na ilusão transcendental diz respeito à “má aplicação transcendental dos conceitos”, tal como Grier aponta no excerto supracitado. Essa má aplicação dos conceitos ou o mau uso das categorias consiste em estender os conceitos puros do entendimento (categorias) para além dos objetos da experiência. Essa extensão ocorre em vista dos objetos transcendentais da razão, no caso da tradução a seguir, a alma, que é incondicionada.

Já a ilusão manifesta-se a partir de princípios da própria razão: essa é a proposta central de Grier para que se compreenda a ilusão transcendental de acordo com os dois princípios racionais, os quais ela nomeia de P1 - princípio lógico – e P2 – princípio transcendental. P1 é definido por Kant da seguinte maneira: “encontrar, para o conhecimento condicionado do entendimento, o incondicionado pelo qual se lhe completa a unidade” (*KrV*, A307/B364), sendo caracterizado como uma necessidade subjetiva da atividade racional. No caso de P2, ele é exposto como: “dado o condicionado, o incondicionado também o é” (*KrV*, A307-308/B364) e é colocado como uma necessidade objetiva. Para Grier (2001, p. 144), o problema da relação entre esses dois princípios está associado ao princípio transcendental (P2), que é ilusório. Portanto, Grier (2001) conclui que a ilusão transcendental está baseada na pressuposição da validade objetiva da alma, isto é, na afirmação da existência de um objeto incondicionado (p. 145).

A opção pela tradução desse capítulo específico do livro, em que Grier discute a questão da alma nos paralogismos, pode ser encontrada em outro texto da própria comentadora, no qual assinala a dificuldade em distinguir a ilusão transcendental dos erros:

Kant precisa mostrar não só que os argumentos metafísicos são falaciosos, mas também como é que eles estão “enraizados” na própria natureza da razão. É precisamente neste último ponto, no entanto, que os argumentos de Kant são considerados falhos. O problema é que seus diagnósticos subsequentes das falácias dos argumentos metafísicos parecem não se relacionar com suas afirmações mais gerais sobre uma “inevitável ilusão”. Essa queixa já é um lugar comum na literatura secundária e reflete a consideração comum de que as afirmações gerais de Kant sobre a ilusão transcendental são inconsistentes com suas críticas particulares das falácias envolvidas nos silogismos dialéticos. Embora esta objeção tenha sido suscitada em relação às críticas específicas de Kant a cada uma das disciplinas da metafísica racional, são de particular relevância para os paralogismos, em que a ligação entre as críticas específicas de Kant e a teoria geral da ilusão transcendental parece muito fraca. (Grier, 1993, p. 257)

Particularmente relevante neste excerto é a afirmação de Grier de que, nos paralogismos, “a ligação entre as críticas específicas de Kant e a teoria geral da ilusão transcendental parece muito fraca”. Dessa maneira, entender a distinção e relação entre erro e ilusão transcendental é um problema mais acentuado nos paralogismos do que entre outras partes da Dialética Transcendental na *Crítica da razão pura*.

Com a publicação desta tradução de um capítulo da obra de Grier, esperamos contribuir duplamente para os estudos kantianos: tornar acessível para o público lusófono um importante comentário sobre a Dialética Transcendental da *Crítica da razão pura* e também incentivá-lo a descobrir novas perspectivas de investigação para um problema tão importante quanto obscuro.

Referências bibliográficas

- Grier, M. (1993). Illusion and Fallacy in Kant's First Paralogism. In: *Kant Studien*, 83, pp. 257- 282.
- _____. (2001). *Kant's doctrine of transcendental illusion*. New York: Cambridge University Press.
- Kant, I. (1998). *Kritik der reinen Vernunft*. Herausgegeben von Jens Timmermann. Hamburg: Felix Meiner Verlag.
- _____. (2010). *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 7a. edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____. (2012). *Crítica da razão pura*. Tradução e notas de Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco.